
DO TRAVESTIMENTO COMO DISPOSITIVO EM ‘A MULHER DO GARIMPO: O ROMANCE NO EXTREMO SERTÃO DO AMAZONAS’, DE NENÊ MACAGGI

Huarley Mateus do Vale Monteiro¹

Resumo: O romance ‘A mulher do garimpo’ configura-se nas tensões vividas pela protagonista Ádria que ainda na infância é travestida frente às condicionantes de vulnerabilidade social em que a mesma se encontrava, evitando assim a violação do corpo. Nesse contexto o presente artigo surge como proposta de discussão sobre a categoria travestimento como dispositivo que opera no romance em questão tanto para resguardar a protagonista evitando ser violada, quanto instaura zonas de conflitos individuais que apontam clamores outros. É a partir da materialidade literária que configuramos os alinhaves metodológicos que ganham sustentação em Foucault (1977, 1979, 1986, 2001a), Agamben (2002, 2017), Esposito (2011), Sarmiento-Pantoja (2009, 2011, 2012, 2013, 2014).

Palavras-chave: Corpo; Travestimento; Dispositivo; A mulher do garimpo; Nenê Macaggi.

Abstract: The novel “A mulher do garimpo” set up in the tensions experienced by the protagonist Ádria who in childhood is disguised front the social vulnerability condition in which it was in, thus avoiding the violation of the body. In this context this article appears as proposed increasing discussion about the category travesty like a device that operates on the novel in question both to protect the protagonist avoiding being violated, the individual establishes conflict zones that point to other claims. It is from the literary materiality we set the methodological basins earning support in Foucault (1977, 1979, 1986, 2001a), Agamben (2002, 2017), Esposito (2011), Sarmiento-Pantoja (2009, 2011, 2012, 2013, 2014).

Keywords: Body; Travesty; Device; A mulher do garimpo; Nenê Macaggi.

¹ Professor da Universidade Estadual de Roraima-UERR. E-mail: mdmvale72@gmail.com

1.

A obra ‘A mulher do garimpo’² é construída a partir dos deslocamentos da protagonista José Otávio, desde a então capital da república, Rio de Janeiro, até o espaço hoje georeferenciado como amazônia-roraimense. A primeira edição do romance é de 1976 e, ao que consta, o transcorrer narrativo nos conduz a sobreposição de elementos de materialidade literária, escrituras de conflitos impressos na trajetória da protagonista da ficção. A narrativa se desdobra em diferentes espaços, mostrando-nos que, os dispositivos que regulam e controlam em nome da sociedade patriarcal, deixarão no corpo das personagens rastros de configurações sociocultural e históricas.

Sobre a categoria dispositivo, G. Agamben (2007) e R. Esposito (2011), enquanto comentadores de M. Foucault, são nossos referenciais, pois além de alongarem o entendimento construído pelo filósofo francês sobre essa categoria, melhor conduzem a proposta de leitura do romance de N. Macaggi.

Ainda que Michel Foucault não tenha definido o termo Dispositivo, isto aparece problematizado em suas produções e nos dão indícios de que seria resultante de “[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo.” (FOUCAULT, 1996, p.244-245) cujo efeito resultaria em estratégias de controle. Por outro lado, os comentadores do filósofo francês, apesar da dinâmica apontada anteriormente, alongam o entendimento sobre o termo. G. Agamben, afirma que:

“Generalizando posteriormente a já bastante ampla classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.” (AGAMBEN, 2009 p. 40)

O ponto de reflexão de G. Agamben, ganha força no exercício de controle não apenas em espaços de confinamento, espécie de planejamento estratégico, amplia-se a concepção do filósofo francês vinculando a isto os efeitos e desdobramentos do capitalismo neoliberal e seus aparatos tecnológicos que incidem no dizer e no agir, ressoando nas relações entre as pessoas e o próprio meio.

Podemos pensar na construção de uma filosofia política vinculada não só na maneira de docilizar o sujeito (FOUCAULT 1977) e de controle do corpo que resiste; mas também quais estratégias, que nesse movimento dos dispositivos, surgem como manifestos contrários à dominação e violência. Daí o exercício de ‘contra conduta’ buscar maneiras de romper esse processo na própria movência entre/dos dispositivos, cujo engajamento incidirá na busca constante da intensidade da vida, corpos que vibram a procura da felicidade (AGAMBEN, 2009, p. 44); pois, se está na biopolítica a captura dos sujeitos é justamente nessa rela-

2 Iremos usar, neste texto, o título da obra de maneira reduzida apenas por uma questão didática.

ção que se encontra a resistência.

A essa maneira dinâmica do resistir, R. Esposito nomeia de "... biopolítica afirmativa, ya no definida por lo poder sobre la vida, como el que conoció el siglo pasado em todas sus totalidades, sino um poder de la vida." (ESPOSITO 2011, p. 50). Nela, a vida enquanto potência é o centro da reflexão.

Alongando esse pensamento para o suposto 'local isolado' onde se desenrola a última parte da narrativa em questão, 'o extremo sertão do amazonas', talvez seja ele a metáfora da fronteira a ser alcançada e docilizada pelo poder estatal/soberano. Assim, formulamos a seguinte interrogativa: seria ele um espaço onde os corpos dinamizam também maneiras de resistências?

Partimos desse questionamento, pois o ponto central da trama/narrativa configura-se na região de garimpo do 'extremo sertão do amazonas'. Lá, onde José Otávio também irá experimentar os mais diferentes acontecimentos, aparenta ser o lugar onde 'os bárbaros' vivem, necessitam de civilidade, educação e saúde.

Destacamos que apesar das fortes marcas do exotismo apontado na obra acreditamos que este escondem tensões conflituosas e polêmicas. Assim, o aspecto regionalistas tão defendido por estudiosos que tem se interessado pelos romances da autora, como Almada (2015), seriam a primeira, de muitas outras dobras que o romance pode nos apontar. Não nos importa, aqui neste trabalho, a dobra em que os elementos estatizantes canonizados são o centro da reflexão (MIBIELLI 20016, 2017), que beiram a excentricidade da crítica 'medida certa'. A nós são relevantes o que denunciam as fissuras, nódoas, rastros deixados no dizer narrativo que nos levam a uma escrituração da materialidade literária; neste caso, o corpo como escritura de resistência afirmativa contrário às violações representativas do etnocentrismo.

Entendemos que na obra a categoria corpo metaforiza uma escrita cartográfica do trajeto de José Otávio, protagonista da narrativa. Lembremos ainda, que apesar de ter sua primeira publicação em meados da década de 1970, a trama narrada acena para momentos anteriores, período de grande efervescência causado pelos projetos desenvolvimentistas que elegeram a Amazônia como espaço a ser povoado, retirado da barbárie, carente de desenvolvimento como se nela não houvesse dinâmica social muito antes dessas propostas (MONTEIRO, 2013).

Vale ressaltar que nesse momento, vivenciava-se o período da ditadura civil-militar brasileira, cujos os dispositivos aplicados deixaram marcas profundas na configuração social da região, agindo na tentativa de anular toda dinâmica de 'contra conduta'. Seguindo essa linha de entendimento, refletimos que se os dispositivos de controle do poder soberano, e tudo o que eles representam, imprimem nas práticas sociais e artísticas escrituras da história, então seguimos a linha de que a obra pode nos revelar muito sobre isto.

Assim, nossa busca pauta-se no travestimento enquanto dispositivo, recurso usado para evitar as tentativas de violação do corpo feminino em situação vulnerável, o que nos mostra indícios do discurso androcêntrico, representando na narrativa a ressonância do poder patriarcal. Defendemos isto, pois tanto o filósofo francês, quanto os de linhagem ita-

liana nos mostram que é na movência³ do dispositivo de poder que a resistência se afirma.

Se o “investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e gestão distributiva de suas forças” (M. FOUCAULT, 1999, p. 133) representam as práticas de violência impressas na escrituração literária; dito assim, não podemos entendê-la como simples coincidência, pois demonstram os influxos presentes nas fissuras, escondidas entre as dobras, reveladoras do corpo como investida biopolítica.

2.

O corpo metaforiza as tensas relações de poder que elegem a vida em dinâmica social. Essa afirmativa ganha força na obra frente ao travestimento da protagonista da narrativa em que as averiguações nos mostram agravantes, pois o período apontado nas obras foi de grande efervescência na região amazônica: migrações, garimpagem, pistolagem, expansionismo desenvolvimentista do Estado Novo; configurações sócio-históricas que contribuíam para uma interpretação rudimentar sobre a região enquanto espaço de barbárie e carecendo do poder do estado. O discurso do presidente Getúlio, proferido em Manaus, nos leva a essa abordagem:

“Até agora o clima caluniado impediu que de outras regiões com excesso demográfico viessem os contingentes humanos de que carece a Amazônia. Vulgarizou-se a noção, hoje desautorizada, de que as terras equatoriais são impróprias à civilização. Os fatos e as conquistas da técnica provam o contrário e mostram, com o nosso próprio exemplo, como é possível, às margens do grande rio, implantar uma civilização única e peculiar, rica de elementos vitais e apta a crescer e prosperar.”
(VARGAS: Manaus/10-10-40)

É válido frisar que a formação do Estado moderno está vinculado ao poder sobre a vida; pois, a relevância do conhecimento sobre o território como meio de averiguar a dinâmica social de seus habitantes é um mecanismo em evidência. Dessa maneira, o discurso proferido por Vargas (1940) não foge ao propósito do poder soberano constituído. Parece-nos ocorrer reverberações disso na obra em questão, pois o fragmento a seguir aproxima-se do texto anteriormente citado. Assim, Macaggi nos demonstra:

“Sim! Um dia o Amazonas ressurgirá, primeiro com a lavoura, a Pecuária e as Rodovias Interioranas e Internacionais! E, mais tarde com o Petróleo!

O Brasil espera pacientemente esse Milagre!

Ele não Tardará...” (MACAGGI 2012, p. 55)

³ Terminologia entendida aqui como: mobilidade, dinamismo, articulação, rede de ações.

Além de Macaggi, essa mesma configuração ideológica também apontava a ressonância do dispositivo da sociedade de controle em outro autor, períodos antes. Vejamos o fragmento a seguir:

“E a terra ínvia, confortada e desdenhosa em suas serenidade profética acrescentaria – Oh, infeliz, invasor! Fadejas desenraizando, descontente, praguejando, mas fertilizas...

Por ti sou denegrida: que importa!

Impassível, porém, aguardo as gerações que hão de seguir, cantando, o carro de meu triunfo!

(RANGEL 1927, p. 67)

Dessa maneira, o ‘norte’ narrativo vai sendo construído a partir de sondagem de proposta de crescimento demográfico, dinâmica migratória, dos infortúnios endêmicos; tantos outros meios usados com intuito de criar práticas e estratégias de ação ratificadora da presença e afirmação do estado moderno controlador. Tal propósito apresenta a vida submetida ao controle, docilizada, confirmando a presença do Estado nação como poder soberano, aquele que determina e conduz a vida dos viventes em uma “anatomia política” que irá operar no corpo (FOUCAULT 1987, p. 127). Assim, os desdobramentos da biopolítica, apontam ressonâncias no campo das artes de modo geral; a literatura não ficará fora dessa movimentação.

Associado a isto, como ponto de reflexão inicial, vale destacar que historicamente na sociedade patriarcal, soberana, ocorre um anulamento da mulher pelo discurso androcêntrico que construiu e naturalizou a tese de inferioridade feminina. Isso pode ser relacionado a obra em questão a partir do travestimento sofrido por Ádria; parece-nos que para chegar a esse rastro deixado só é possível partindo das ocultações que apontam conflitos entre as personagens. Essa reflexão, além de nos dar indícios sobre o teor subjetivo do texto, pode conduzir-nos a uma crítica à perpetuação de práticas que se naturalizam em nossa sociedade contemporânea. Revelar essa “ocultação” é, também olhar o fenômeno por outro viés, possibilitando maior visibilidade aos escritos deixados por Macaggi.

A naturalização de costumes patriarcais, como reverberações do poder soberano, suas decisões sobre as verdades que sustentaram sua permanência no centro das ações chega a invisibilizar a produção artística de diferentes autoras e autores. Sobre este ponto de vista:

“[...] a história literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparado com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heróicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou

apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”. (LEMAIRE, 1994, p. 58)

Essa condição de marginalidade atinge também as obras deixadas por Macaggi e aparentam coadunar com o próprio transito da protagonista de ‘A mulher do garimpo’ ao que pese uma tentativa constante de empoderamento, de soltar a voz, de libertar-se da condição de aprisionamento imposto pelo poder androcêntrico socialmente constituído que elegem a voz do homem como juízo final do dizer.

A cena do travestimento enquanto dispositivo de salvaguarda do corpo feminino, vulnerável e exposto as diferentes violações, nos conduz a normatização imposta a ele, escurturando maneiras de entendimentos que estariam para além do debate sobre exotismo regional. Vejamos:

“Aos sete anos estava no Grupo escolar do Largo do Machado. Inteligente e estudiosa, andava sempre vestida de homem e chamavam-na de José Otávio. É que Jãojão-Bico-de-Lacre, em sua profissão trabalhando sempre com a escórea e sabendo a quanto chega a maldade humana, para salvaguardar a integridade física da menina, achou melhor fazê-la passar por garoto. Depressa ela se acostumou com os trajos e aos poucos foi adquirindo hábitos do sexo oposto. (MACAGGI, 1976, p.34).

A “clausura” a qual foi submetido o corpo de Ádria pontua sobre liberdades outras, vinculadas ao travestimento do corpo para evitar as propensas violações no ambiente socialmente construído para o pensamento androcentrico. É notório ainda a maneira dócil como isso vai se configurando na narrativa.

Dessa forma, a construção do corpo do, agora José Otávio, estará vinculado ao referencial masculino, seja no ambiente escolar ou mesmo nas diferentes atividades laborais que irá assumir durante a narrativa: jornaleiro, motorista, garimpeiro e ainda “Foi copeiro, mensageiro, auxiliar de escritório, bilheteiro de cinema e vendedor de pão. Também lavou pratos em restaurantes chineses.[...] Teve também muitas apaixonadas, das quais fugia como um diabo da cruz. Nunca amou.” (MACAGGI 2012, p.45). Os fragmentos que se sucederam anteriormente aparentam uma afirmação da violência pela linguagem, uma espécie de naturalização da biopolítica em que a voz soberana ressoa como verdade androcentrica. Em outra passagem:

“Você parece aborrecido, José Otávio. O que há?

- Nada. É que me enerva estas moças me olharem tanto, como se quisessem me conquistar. Eu não gosto de namoro. Nunca namorei em minha vida. Não tenho jeito.

- Mas como você é esquisito, rapaz! Onde já se viu moço de sua idade não namorar? Podia até arranjar uma noiva por aqui.” (MACAGGI, 2012 p.112)

O excerto narrativo apresenta as atitudes de José Otávio em permanente conflito interior frente a 'vestimenta' andrógena que lhe cobre; inicialmente observa-se certo afastamento das 'apaixonadas/moças' que dele(a) se aproximam. Isso demonstra situações conflituosas nas relações estabelecidas pela personagem; pois, esse distanciamento das mulheres que dele/a se aproximam podem também ser entendido como um clamor em libertar-se, romper com tudo e mostrar-se mulher; amar à maneira intensa que pretende amar, mesmo que a voz andrógena ressoe no fragmento exigindo a obrigatoriedade da relação de namoro apenas entre homem e mulher, condicionando essa lógica a um enlace matrimonial. Relativo a isto é a passagem que mostra a intensa paixão que a personagem Florzinha nutre por José Otávio; diante a negação feita por ele/a, isso conduzirá Florzinha ao suicídio.

"Meu amor! Tome-me, sou sua!

- Mas flôr... Que é isto? Pelo amor de Deus vá embora criatura! Esqueça-se de mim, que Deus é testemunha de que é humanamente impossível te amar!

Esqueça-me!... Vá embora"

(MACAGGI 2012, p. 243)

"E o rifle, cortando as águas, afundou também para sempre." (MACAGGI 2012, p. 249)

São nesses conflitos e angústias que José Otávio vai configurando-se na trama, reprimindo sentimentos e desejos moldados por uma sociedade patriarcal que elege condutas e práticas sociais como únicas e verdadeiras, naturalizando preconceitos, abusos e violências contra tudo que foge a seu controle.

Em outra passagem a apresentação de Florzinha feita pelo pai a José Otávio é digna de revelações que diluem-se no narrado, demonstram a docilização do corpo por outro viés; parece-nos que o corpo feminino estaria apenas vinculado aos afazeres do lar, do matrimônio e do que lhe foi ensinado na escola. Vejamos:

"[...] E o próprio Vicente Pitó veio servi-lo. Olhou para a filha muito vermelha e disse:

- O senhor num arrepare neste meu diabinho que só está ocupado quando o senhor vem aqui [...]" (MACAGGI 2012, p. 193)

"[...] Florzinha, a filha era muito caprichosa. Bordava, costurava, lavava e cozinhava. [...] Florzinha era especialista em doce de mamão [...]." (p. 198)

“Já foi pedida em casamento várias vezes [...]. Tem boa instrução, apesar de engolir os rr finais. Coursou o Colégio das Dorotéias em Manaus e é muito prendada. Além disso é herdeira de quase oitocentos quilates de bons diamantes.” (p. 201)

A negação a esses ‘dotes’, dispositivos formatadores da vida conjugal da sociedade patriarcal, por parte de José Otávio, entendemos como a provocação aos costumes que tipificam e condicionam a relação conjugal à questões vinculadas a bens materiais economicamente constituídos, pois mesmo o pai de Florzinha ofertando-lhe todo seu patrimônio em favor do casamento de sua filha para com ele/a; parece-nos que José Otávio repudia, não o sentimento da ‘moça’ por ele/a, mas a condição de corpo-enclausurado em que está e o impediria de vivenciar a relação nos moldes estabelecidos.

O ato de revelar-se mulher aparece em passagens pontuais na narrativa. Em um destes José Otávio conhece “Dom Carlos Urquiza, espanhol já bem idoso, exilado político e diplomata, que havia se tornado freguês seu das vendas de jornais. No ímpeto de conhecimento passou a ter aulas de [...] Espanhol, História Universal e História Natural duas vezes por semana” (MACAGGI 2012, p. 35). A amizade entre eles possibilitou confiança a José Otávio em expor-se e compartilhar sua angustiante história. Assim, “Bastante mais tarde confessou José Otávio a Dom Carlos o seu verdadeiro sexo, o que deixou o diplomata bastante admirado e ainda mais seu amigo. Também Juanito sabia do caso, mas nunca tocou nele para a menina.” (MACAGGI 2012, p. 35), observa-se que no fragmento aparece Juanito, personagem que cresceu n’O cortiço Pombal junto com José Otavio e era seu amigo de infância, quando do início da narrativa.

É possível perceber que Juanito, mesmo que sabedor da condição de Ádria, não comentava o assunto. Provavelmente tomou conhecimento do fato frente aos comentários abusivos que circulavam no cortiço sobre Ádria em função das insistentes tentativas de violações que investiam contra ela, mesmo já na condição de travestida; pois, nos raros momentos em que transparece seu lado feminino, despertara nos homens do cortiço o desejo em possuí-lo(a).

“Muitos o odiavam porque era simpático e delicado [...]: Cristina-Monta-Burro. Um novo amásio seu descobrira, por indiscrição dela, que José Otavio era mulher. Desejou-o, Tentou violentá-lo. [...]

“Sem nunca conseguir ver quem era, jogavam-lhe pedras, lixo e água. Por isso deixou, cheio de mágoa, o grande casarão onde nascera e crescera.” (MACAGGI, 1976, p.45)

Os indícios de preconceito e tentativas de violação investidas contra Ádria, demonstram algo para além da liberdade individual; percebemos elos norteadores referentes a emancipação do corpo em constante ameaça de violação. Sobre isto, verifica-se que as relações de poder e docilização sobre o outro vinculam-se principalmente às representações opressoras, como voz soberana (RIBEIRO 2008, p. 63).

Em 'A mulher do garimpo' as cintilações de liberdade social ressoam como um conjunto de metáforas nas tensões sociais que potencializam-se a partir do plano individual da protagonista. Assumir-se como mulher, construída no corpo de homem, nas condições sociais que lhes foram impostas seria romper com o pensamento androcentrico que a tanto lhe angustia; o conjunto desses conflitos nos conduzem a entender o travestimento de Ádria como um dispositivo usado na tentativa de evitar a violação; porém, as constantes aflições geradas nessa condição seriam marcas das ações ideológicas do discurso soberano.

Talvez esse indício demonstre a tentativa de afirmar-se mulher em um corpo de homem ou vice versa em uma dialética homoafetiva, negada em algumas passagens da narrativa, mas denunciada nos gracejos que José Otávio troca com Florzinha e entre José Otávio e os amigos de currutela.

Parece-nos que redimir-se ao desejo 'impossível', inaceitável na dinâmica do garimpo, é abrir mão de seus gozos e segredos mais íntimos entregando-se ao outro como mulher. A narrativa assim, re-construiria de maneira irônica a configuração sóciopatriarcal. É como se Ádria estivesse envolvida em uma 'vestimenta' que não a/o possibilitasse revelar o que realmente sente/deseja no espaço em que se encontrava; assim, a auto defesa seria uma entre tantas maneira de expor sua indignação, seja ao negar a proposta de casamento com Florzinha ou mesmo no combate corporal travado contra "América-do-norte", personagem que tenta violentá-la/o no garimpo.

Voltar ao corpo de mulher, posição afirmativa que só ocorre mediante sua reação frente às agressões sofridas no garimpo, dá-lhe a condição de pertencer a bios, a vida qualificada dos homens do garimpo, como mulher. Parece-nos que voltar ao corpo feminino não seria aceitar a condição de soberania, mas a maneira de resistir, afirmando-se como mulher, combativa às práticas abusivas.

A revelação ocorre frente a violência praticada por América-do-norte contra José Otávio, pois as atitudes deste, supostamente não condiziam com a de um homem do garimpo. Tal condição desperta o interesse de América-do-norte, personagem agressivo e violento na narrativa, que para demonstrar sua masculinidade e poder no garimpo tenta possuí-lo/a diferentes vezes. Vejamos a passagem:

"A Ruivinha [...] A Mulher do Garimpo vai se haver comigo. Vou dar em cima, vocês vão ver. E vamos nos divertir! Prometo!

[...]

Vou lhe dar dois beijos na boca e quero ver o que ele faz.

[...]

Não sou Mocinha, Ruiva ou Mulher do Garimpo. Sou é muito macho como acabaram de ver." (MACAGGI 2012, p. 274)

Os fragmentos reafirmam a prática abusiva e a tentativa de violação do corpo da protagonista, porém o enfrentamento de José Otávio é aceito no garimpo frente a situação do travestimento, salvaguarda do corpo, e sinaliza sua afirmação de ‘macho’ e não de ‘mocinha’. Contudo, posterior a este ocorrido em virtude do combate contra América-do-Norte, ele/a revela-se mulher a Pedro Rocha seu amigo de currutela. Somente após isto eles assumem seu romance no garimpo.

“Apenas perguntou, num cicio:

- Seu nome, querida?

- Ádria... Ádria de Azevedo... adormecendo suavemente.

[...]

Ádria narrou-lhe sua vida, desde o Cortiço carioca até o Tepequém.

[...]

- Deus que me dê saúde e forças para fazê-la feliz como merece, Ádria de Azevedo... Ádria de Azevedo Rocha.”

(MACAGGI 2012, p. 381)

3.

Partindo do enredo narrativo é possível aproximá-la do romance de Guimarães Rosa (1986), mas ao contrário deste aparentar que a afirmação da mulher dá-se apenas pela morte de Diadorim (TIBURI, 2013), aqui em Macaggi a afirmação da vida dá-se pela maneira resistente de ser Mulher, para além das fronteiras dos territórios que definem gênero e masculinidade.

É bom ressaltar que apesar d’Amulher do garimpo’ aproximar-se do clássico Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa (1986), elas apresentam pontos de distanciamentos, como: a) a temática ‘morte’: Diadorim revela-se a partir da morte, após luta corporal com seu oponente; por sua vez, José Otávio entra em combate corporal com América-do-norte, mas não chega a morrer. Parece-nos que este ponto ápice das narrativas seria uma janela de revelações, pois tanto uma quanto a outra devolvem ao corpo feminino a ‘natureza de mulher’; b) em ‘A mulher do garimpo’ podemos observar um certo rompimento no enredo contrariando a tradição textual do romance roseano em que a morte da personagem quali-

ficaria um gozo estético. Ao contrário de Diadorim, José Otávio não é “morto/a”, enfrenta seus oponentes de maneira aguerrida como resultado das investidas contra seu corpo, até revelar-se mulher.

Dessa maneira, a narrativa sobre Ádria contradiz a condicionante presente em Grande Sertão: Veredas em que a morte torna-se o ponto culminante da narrativa. Em 'A mulher do garimpo' o que temos poderia ser interpretado como uma afirmação do 'poder da vida'. As narrativas aproximam-se ao tratar do travestimento enquanto dispositivo operando como salvaguarda do corpo feminino; porém, o desfecho de ambas nos conduz a manifestos de 'contra conduta', cada uma a seu modo.

4.

É possível concluir que, se o acordo entre os garimpeiros⁴ regia a ausência da mulher na dinâmica instituída, na obra de Macaggi a afirmação de Ádria como mulher em meio aos garimpeiros demonstra que José Otávio, travestido, além de representar o dispositivo de resguardo do corpo é também a maneira inventiva de provocação ao poder soberano e patriarcal. Neste contexto o corpo de Ádria demonstra não o corpo da 'mera vida', mas o corpo que elege a vida como potência inventiva, nos levando a refletir que a biopolítica é um dos fios condutores do corpo como registro da história.

Ressalte-se que, assim como o dispositivo de salvaguarda do corpo funciona como protetor, ele também age como chave que possibilita-nos desconfiar do processo histórico que o constitui. Se assim for, caberia uma indagação última: seria a obra uma metáfora da emergência do corpo-travestido revelando a vida por olhares outros?

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *O uso dos corpos*. Trad. Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. O que é dispositivo. In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, pp. 27-51.

ALMADA, Silvia Marques de. *A questão do regionalismo em a mulher do garimpo, de Nenê Macaggi*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras. p. 70-97. Boa Vista, 2015.

BAPTISTA, L. A. A cidade dos sábios – Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus Editorial, 1999. In., ZAMORA, Maria Helena. *Os corpos da vida nua: Sobreviventes ou*

4 Ver Francisco Cândido: <http://www.folhabv.com.br/coluna/Personagem-da-Nossa-Historia/1917>

resistentes? *Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath. Online*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 104-117, maio 2008

ESPOSITO, R. *Personas, cosas, corpus*. Editora Trotta, Madri, 2017.

_____. *Comunitas: origem e destino de la comunidade*. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

_____. *El dispositivo de la persona*. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

_____. *Bíos: biopolítica e filosofia*. Torino: Einaudi, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 2a ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade*, Volume 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001a.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MACAGGI, Nenê. *A mulher do garimpo: o romance no extremo sertão do Amazonas*. 2a. Ed. Boa vista - RR, Gráfica Real, 2012.

MIBIELLI, Roberto. Nenê Macaggi, Desenvolvimento e Exotismo n'A Mulher Do Garimpo. In: Maria do Socorro Galvão Simões, Luciana Marino do Nascimento. (Org.). *Traços e Laços da Amazônia*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016, v. 1, p. 201-221.

_____, Roberto. Entre Versos e Prosas como se fabrica uma região chamada exótico. In: *XV Abralic: experiências literária textualidades contemporâneas*. Anais: 2016, p. 4909-4921.

MONTEIRO, H. M. V. *Narrativas dos moradores da Terra Indígena do Alto São Marcos-RR: Diálogos nas fronteiras do cotidiano escolar*. 2013, 111p., Dissertação (Mestrado em Educação) PPGE, Universidade de Sorocaba. São Paulo, 2013a

RANGEL, Alberto. *Inferno verde*. s.l: Tours, 1920.

RIBEIRO, Pedro Mandagará. *Em 1975: três romances brasileiros*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 29. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia; RIBEIRO, J. O. S. *Multiplicidades do Discurso: Linguagem, Literatura, Arte e Educação*. Belém: Açaí, 2009.

_____. *Arte como Provocação à Memória*. Curitiba: CRV, 2014

_____; et al. *Literatura e Cinema de Resistência: novos olhares sobre a memória*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

SCHOLLHAMMER, K. E.; SARMENTO-PANTOJA, Tânia. *Memórias do Presente*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

SILVA, Mirella M. de B. *A construção de um modelo de identidade amazônica no romance A mulher do garimpo, de Nenê Macaggi*. Caderno de Resumo, ABRALIC, 2012, J. Pessoa: Ideia, 2009b.

TELLES, Norma. Autora+a. In: JOBIM, Luiz. *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TIBURI, Marcia. *Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do Sertão*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 191-207, janeiro-abril/2013.

VARGAS, Getúlio. *O destino brasileiro do Amazonas*. Disponível em <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br>. Acesso em: 08/01/2018.

